A' Sociedade Martins Sarmento
Rua de Paio Galvão Guimarães

Ano 93.º N.º 7.034 Sexta-feira, 27 de Agosto de 1976

O COMÉRCIO DE GUIMARÃES

SEMANÁRIO REGIONALISTA
Publicação às sextas-feiras

Director
SOUSA MACHADO

Preço avulso 3$00
— AVENÇA —

Morre-se «alegremente» nas estradas de PORTUGAL

=Por A. VALLE FERNANDES=

Tivemos a oportunidade de ouvir um programa dedicado aos problemas de trânsito, na Radiodifusão Portuguesa, no qual participaram o major Pinho Bandeira, comandante da Brigada de Trânsito da Guarda Nacional Republicana e o comissário Cabral, da Secção de Trânsito da P. S. P. de Lisboa.

No decurso desse programa — que não conseguimos ouvir na íntegra — foram abordados diversos aspectos do grave problema de trânsito nas estradas do nosso país. Desses aspectos, alguns nos ficaram na memória, já que, à medida que os escutávamos, nascia em nós a vontade de colocarmos diversas questões, como aliás o fizeram alguns dos ouvintes do programa. Tal não o conseguimos e, assim, apenas nos resta esta possibilidade.

A dada altura daquele programa foi afirmado que o estado em que se encontram muitas das nossas estradas contribui para um maior número de acidentes,

Conclui na página 2

«O Comércio de Guimarães»

Por motivo de férias a conceder ao pessoal gráfico, informamos os nossos prezados assinantes e anunciantes que na próxima semana não se publicará «O Comércio de Guimarães».

UM TESTAMENTO

Por AGOSTINHO PIZARRO

Buiça, era o aplido do homem que assassinou o rei D. Carlos e o seu filho primogénito o príncipe D. Luís Filipe, na tarde de 1 de Fevereiro de 1908.

Esse homem deixou ficar o seu testamento, que hoje se lhe pode chamar um documento histórico, merecedor de séria meditação.

Em princípio, a horrível tragédia de que foi cenário o Terreiro do Paço, pensara-se dever à promulgação do célebre decreto de 31 de Janeiro, que suspendia as garantias da liberdade e punha à disposição do governo os presos políticos, que foram encontrados com armas na mão na noite de 28 de Janeiro, para os deportar para o degredo o que equivalia à morte.

Na realidade o que se passou não foi uma rajada de revolta contra o citado decreto, mas sim um crime friamente planeado e executado.

O testamento político que se publica na íntegra, e com ortografia da época, serve para os amigos leitores o apreciarem bem,

Conclui na página 2

AGONIA DA IMPRENSA REGIONAL

Parece-nos que a sina da Imprensa Regional é estar condenada a vegetar e não a viver desafogadamente como seria natural a um instrumento de informação de utilidade pública. Foi sempre o seu destino desempenhar a missão que lhe compete e de que se orgulha, embaraçada por mil dificuldades.

Já vem de longe esta situação irremissível, como se tudo estivesse enpenhado em fazê-la entagnar. Sem apoios financeiros, mal respirando numa atmosfera de preocupações, ano após

— Conclui na página 4

REPAROS DA SEMANA

Indícios de crise

Todos desejamos a estabilidade social e política. Todos queremos a paz, o trabalho, o progresso e a justiça. Todos ansiamos pela certeza de que o caminho está certo e encontrado, num socialismo em democracia.

A justiça não pode buscar-se por caminhos ínvios, nem serão os desvios, nem os erros, nem as tergiversações que nos conduzirão à meta almejada.

As revoluções definem-se e interpretam-se na mística da sua essencialidade idealística e são sempre um fenómeno nacional quando nelas há o sôpro da fé, da coragem e do patriotismo do povo.

Efectivamente, todos desejaríamos que a «revolução» portuguesa seguisse os caminhos rectilíneos e seguros da mística que a originou. Mas não está a suceder exactamente isso.

Conclui na página 2

A DROGA

Prolifera como uma epidemia, obrigando as autoridades a uma «perseguição» que só elogios merece.

A liamba cultivou-se por aí fóra como se cultivam as couves e as tronchudas, mas a «caça» tem sido implacável. Ainda bem.

Pelo que lemos, Guimarães não escapou à «cultura», mas não sabemos que medidas de repressão hajam sido tomadas para obstar a mais amplas dimensões do veneno que destrói a moral e a juventude.

As autoridades têm que alertar-se para zonas onde seja possível a proliferação, trazendo-as ao conhecimento do público.

Opiniões alheias

A morte e a vida da Revolução de Abril

«Andam por aí, pelas ruas e pelos salões, duas teses que se contradizem e que representam duas atitudes opostas: a de que a «Revolução» terminou; a de que a «Revolução» é um processo em curso, com fluxos e refluxos, fases de ofensiva e fases de consolidação, avanços, pausas, recuos. Os doutrinadores do «Estado de Direito» inclinam-se para a tese de a «Revolução» está encerrada e de que a normalidade constitucional significa o termo da fase revolucionária. Já, na Imprensa, se declama, com irritação mal disfarçada, quando surgem as alusões ao «processo revolucionário em curso» e referência a «Revolução». E', portanto, oportuno registar o que afirmou

Conclui na página 3

GRANDE PEREGRINAÇÃO ao SAMEIRO

Realiza-se no próximo domingo a grande peregrinação anual ao Sameiro, na qual tomarão parte muitos milhares de fiéis e representações, principalmente, de toda a Diocese.

Breves reflexões

Os comentários nestas colunas inseridos acerca da posição assumida pela Delegação de Braga do Ministério do Trabalho em face duma comunicação do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório — posição de desinteresse e indiferença absoluta — brada aos céus. Depois, grita-se por todo o país a sonora trombeta da justiça social!

Como haveremos de acreditar?

Conclui na página 2

ESTADO DE ALMA...

Hà muito tempo, muito tempo! Quanto?!...
Sinto como suspenso o meu viver...
Olho para tudo com tal desencanto,
Num desinteresse, que não sei dizer...
Não é agonia!... Não é pranto!...
...E' qualquer coisa mais do que morrer!...

INÉDITO.

CHRISTINA BÉRENS FREIRE.

AO CORRER DA PENA...

As necessidades prioritárias

Referimo-nos no número anterior, às eleições municipais que segundo se diz, serão realizadas até ao fim do ano. E' já tempo, portanto, de pensar nelas e sem intenções partidárias, procurar dentro daquele espírito defendido neste jornal da semana finda, fixar, devidamente, o que é necessário e mais conveniente em satisfazer, dando-lhes, por isso, a prioridade de execução.

Essas necessidades devem fazer parte integrante do programa de acção, de qualquer elenco escolhido para administrar e gerir a Câmara Municipal durante quatro anos.

Entendemos, quanto a nós, que as necessidades mais imperiosas são as seguintes: urbanização, ensino, o saneamento para a cidade e concelho, água, luz, caminhos e escolas.

A urbanização que a cidade exige, tem de ser ampla e atingir

CONCLUI NA PÁGINA 3

O JORNAL MAIS ANTIGO DO DISTRITO

Morre-se "alegremente" nas estradas de PORTUGAL

(Conclusão da 1.ª pág.)

tendo, até, sido alvitrado que o condutor, se consciente, deve conduzir de acordo com o estado da estrada por onde circula.

Para além de outros considerandos à volta deste assunto, podemos adiantar apenas dois: se os condutores, passarem a conduzir sempre conforme o estado das estradas e, por outro lado, ninguém se preocupar em mandá-las arranjar, a breve trecho chegará o dia em que a velocidade máxima possível regressará à dos tempos ancestrais dos automóveis; e se o estado das estradas contribui para um aumento de acidentes, que dizer do estado de grande parte dos veículos que circulam nessas estradas? Se não houver ninguém que se debruce sobre tais assuntos, os acidentes não diminuem. Bem antes pelo contrário.

Outro aspecto focado durante o referido programa respeitava à legislação — cuja dureza, ou melhor, aumento de dureza foi defendido — e, quanto a nós, pouco se disse sobre o assunto. Não basta legislação mais dura, é preciso quem a faça cumprir. Ou pelo menos, que fiscalize o bastante para que os prevaricadores fiquem, mais frequentemente, sob a alçada de tais leis.

No entanto, sabendo-se que a Brigada de Trânsito comporta 600 elementos (entre oficiais, sargentos e praças) num total previsto por lei de 621, pergunta-se: como é possível com estes números, haver uma fiscalização capaz nos 32 mil e muitos quilómetros de estrada em Portugal? É que, não nos esqueçamos, que de 600 elementos, todos os meses 50 deles estão de férias (há os que gozam férias em meses de inverno!), a que têm justo direito; 550 têm, portanto, que cobrir todos os serviços — os de secretaria, os de fiscalização nas estradas e o de manutenção do material e viaturas.

No que respeita às brigadas que actuam nas estradas, as que mais directamente chamam à atenção do público, foi divulgado que apenas podem ser constituídas 75 brigadas, isto é, um total de 150 homens, mas devido ao aspecto das férias, nunca se consegue constituir mais do que 74 brigadas, já que, pelo menos 1 dos agentes destacados para a estrada está de férias (atendendo ao que atrás ficou dito), número esse que tem que dar cobertura aos já referidos 32 mil quilómetros de estrada, isto é, cerca de 432 km por brigada. Como é possível um trabalho verdadeiramente eficaz?

Igualmente durante o programa (na parte que nos foi possível escutar) se referiu ao facto de nas estradas de Portugal se continuar morrer «alegremente». Está bem de ver que este «alegremente» traduz um estado de espírito, em quem proferiu a frase e para quem a escuta, misto de angústia e um tudo nada de impotência perante os factos — a grande indiferença com que os nossos condutores continuam a circular e a conduzir. De nada vale (tem valido, até agora), as imagens de carros destroçados nas bermas das estradas; as grandes parangonas dos jornais quando se referem aos acidentes; os contínuos avisos de moderação na velocidade e maior atenção na condução; de nada tem valido porque se continua a pegar num volante («alegremente») na convicção de que os desastres só acontecem aos outros. No entanto, no passado mês de Maio, morreram de acidentes 182 pessoas (numa média atroz de 6 mortos|dia, média que hoje já atinge os 7), que também, com toda a certeza pensavam: desastres são só para os outros.

UM TESTAMENTO

(Conclusão da 1.ª pág.)

pois além de ser curioso, foi escrito três dias antes do premeditado regicídio...

Eis o testamento:

.....

«Apontamentos indispensáveis se eu morrer:

Manuel dos Reis da Silva Buiça, viúvo, filho de Abílio Augusto da Silva Buiça e de Maria Barroso, residentes em Vinhas, concelho de Vinhaes, districto de Bragança.

Sou natural de Brecoases, concelho de Vallepassos districto de Villa Real (Traz-os-Montes): fui casado com D. Hermínia Augusta da Costa Buiça, filha do major de cavalaria (reformado), e de D. Maria de Jesus Costa.

O major chama-se João Augusto da Costa.

Viúvo, ficaram de minha mulher dois filhos a saber: Elvira que nasceu em 19 de Dezembro de 1900 na rua de Santa Martha número... rez-do-chão, e que não está ainda baptisada nem registada civilmente por motivos contrários à minha vontade; e Manuel que nasceu em 1.º de Setembro de 1907 nas Escadinhas da Mouraria número 4, quarto andar, esquerdo, e foi registado na administração do 1.º bairro de Lisboa no dia doze de Outubro do ano acima referido. Foram testemunhas do acto Albano José Correia, casado, empregado no comércio, e Aquilino Ribeiro, solteiro, publicista.

Ambos os meus filhos vivem comigo e com a avó materna, nas Escadinhas da Mouraria n.º 4, 4.º andar, esquerdo.

Minha família vive em Vinhaes para onde se deve participar a minha morte ou o meu desaparecimento caso se dêem. Meus filhos ficam pobríssimos; não tenho nada que lhes legar senão o meu nome e o respeito e compaixão pelos que sofrem.

Peço que os eduquem nos princípios da liberdade, igualdade e fraternidade em que eu commungo e por quaes ficarão, porventura, em breve orfãos.

Lisboa, 28 de Janeiro de 1908
Manuel dos Reis da Silva Buiça.

P. S. — Reconhece a minha assignatura o tabelião Motta, rua do Crucifixo — Lisboa.»

.....

Este testamento bastante elucidativo, tem sido um documento útil para tantos que se propuseram escrever conscienciosamente a história do último reinado.

Para o Buiça, a hora era suprema. Aniquilar a monarquia e o governo ou desaparecer do tablado político eis o dilema. E não hesitou; com o sacrifício da sua própria vida, ele e os seus corregionários republicanos, cada um actuando independentemente, coube ao Buiça matar a família real, da qual escaparam no entanto, a rainha D. Amélia e o infante D. Manuel.

Foi no seu reinado que os republicanos obtiveram mais liberdade do que nunca, conseguindo ganhar para a sua causa milhares de adeptos, até então indiferentes e desconfiados.

Curto foi o reinado de D. Manuel II, apenas dois anos.

A República iria triunfar em 5 de Outubro de 1910.

Reparos da Semana

Conclusão da página 1

A realidade da crise

Não vamos deambular através de caminhos analíticos do fenómeno político português, por agora. Que os indícios de crise existem e que as perspectivas estão a tornar-se um pouco sombrias, só os «prestidigitadores políticos» o podem negar. De quem, as responsabilidades? Bom, adiante...

«O Primeiro de Janeiro», inseriu, recentemente, um pequeno artigo que aponta para factos onde poderá residir (e reside mesmo), a causa de tergiversações que podem custar caro a todos nós.

Pomos, por ora, de parte quaisquer comentários e passamos a reproduzir as considerações do articulista:

«A semana repartiu-se essencialmente, entre a legislação divulgada pelo último boletim do Ministério do Trabalho e o regresso do ex-general António de Spínola.

Com os deputados preparando as malas para férias e o Governo empenhado nas últimas provas de um exame para o qual se apresentou preparado e conhecedor do júri, António de Spínola apareceu no pior momento na cena nacional. Colheu de surpresa um elenco governativo ainda em fase de arranque e beneficiou do tempo de férias que afasta para campos e praias, ou simplesmente dos locais de trabalho, centenas de milhares de trabalhadores portugueses.

No entanto, se o Governo (com Presidente da Repúblico incluído) transferiu a resolução do problema para o foro militar, numa atitude que pode ser interpretada como um lavar de mãos perante o acontecimento, as organizações dos trabalhadores não se intimidaram. Lançaram mão da Imprensa e não tardaram em afirmar o seu repúdio pelo regresso e sobretudo pela restituição à liberdade do ex-general, a quem identificam como uma ponta avançada do grande capital e da repressão internacionais. Virou-se assim a primeira folha de um processo que irá certamente ser espesso.

No suceder dos acontecimentos surgem, entretanto, aqui e ali, indícios de que a crise alastra e se agrava. Dados publicados durante a semana apontam para o aumento da inflação durante o ano de 1975, cifrando-o de três vezes superior ao aumento salarial em igual período de tempo, o que equivale a dizer que o nível de vida do Povo desceu vertiginosamente.

Do mesmo modo, o mercado do emprego, segundo a última sondagem efectuada pelo Ministério do Trabalho e divulgada no boletim oficial, se regista indícios de algumas melhorias, elas tornam-se francamente insuficientes para aparar a onda crescente de desemprego.

Entretanto, os contornos da crise que têm vindo a ser definidos e dimensionados pelos sucessivos governos tendem, naturalmente, a ser enquadrados por «legislação adequada». Neste contexto, os trabalhadores portugueses, através das suas associações de classe, continuam a não abdicar da participação na feitura de tais leis.

O desrespeito por esses objectivos pode eventualmente fazer aumentar para níveis incomportáveis a tensão social, a exemplo do que aconteceu no ano passado».

Factores de retrocesso

São de pasmar as responsabilidades aqui imputadas à Delegação de Braga do Ministério do Trabalho e ao Sindicato dos Trabalhadores de Escritório de Braga a propósito do pedido de sindicalização dum trabalhador desta cidade, feito há um ano e ainda não atendido. Tanto uma como o outro, a continuar assim, são factores de retrocesso.

E' evidente que o caso não ficará assim. O Ministério do Trabalho tem de intervir e tomar medidas imediatas, expurgando a Delegação de Braga dos elementos nocivos e retrógrados. Do Sindicato têm de ser escorraçados os pusilânimes e, possivelmente, incapazes... (Um já desertou)...

Este organismo tem de reconhecer a sua inutilidade absoluta em mãos de indivíduos que recuam face a problemas sérios.

X.

De notar - a limpeza

E' de notar (e louvar), o progresso verificado na limpeza das ruas da cidade — sem sujidades nem detritos em grande escala.

Ao que julgamos saber, a edilidade vimaranense recrutou elementos novos e válidos para estes serviços, aposentando aqueles a quem já minguavam as forças para a tarefa.

Louvamos o gesto que dignifica quem o tomou.

As ruas, agora, estão mais limpas.

Resta que a população colabore. Nada custa. Um pouco de brio. Um pouco de civismo. Um tudo-nada de educação—e todas essas ruas, avenidas e largos serão um brinquinho...

Tem a palavra a população.

«Jornal de Queluz»

Ao prezado camarada e amigo Adérito Cabral, endereçamos um abraço de felicitações e votos de muitas prosperidades, a propósito do 1.º aniversário do «Jornal de Queluz», brilhante orgão da Imprensa Regional que inteligentemente dirige.

Breves reflexões

(Conclusão da 1.ª pág.)

Como haveremos de crer?

Por outro lado, o «pobre» Sindicato, com ou sem gente de personalidade à altura, ficou imóvel, abúlico, inútil, impotente! E sem vontade...

Como haveremos de acreditar em organismos assim, aliás sempre muito pressurosos na cobrança das quotas?

(E' preciso manter, embora inútil, o quadro burocrático)...

E' evidente que o caminho a seguir é o Ministério do Trabalho. Há que confiar nele perante a inércia das Delegações do Trabalho e a inutilidade dos Sindicatos. De certos Sindicatos...

Sim, porque não queremos acreditar que se trate de pura demagogia quando se brada, eloquentemente, a justiça social—por responsáveis.

Nestes Sindicatos assim, nunca acreditamos. Um dia poderemos dizer porquê. E alguma coisa haverá para dizer...

■

O ódio nefasto e demolidor avassala certas sectores do país. Surgiram os bombistas, os incendiários, os criminosos, que noutros países seriam pura e simplesmente *passados* pelas armas.

Nunca se duvidou da *casta* que por detrás deles estava, com incitamentos e dinheiro. Incalculáveis valores materiais e vidas humanas preciosas se perderam por obra desses criminosos nefandos que têm de prestar contas à Justiça pelos actos revoltantes que praticaram.

Que a Justiça seja, enfim, Justiça.

■

Mário Soares, no discurso longo que proferiu na Assembleia da República, falou em «conciliação dos portugueses»...

Esta frase ouvimo-la, muitas vezes, no tempo do regime derrubado pelos capitães — e não pelos generais. Tudo foi utópico.

Oxalá seja possível, mas é preciso atender aos meios para o conseguir e não esquecer que os homens, irmãos, são todos filhos de Deus, criados à Sua imagem e semelhança.

■

Quando vejo o Marão, lembro-me sempre de Teixeira de Pascoais e de António Cândido, a «A'gua do Marão», como lhe chamou Camilo, na eloquência e no saber. E como o Marão é grande e avassalador!

J. de G.

REPARAÇÕES DE QUALIDADE

Oficina de Reparações Eléctricas em Automóveis e Bobinagem de Motores

Sulpicio Ribeiro de Oliveira

Av. D. João IV — Telef. 42689

— GUIMARAES —

Ao correr da pena...

——Conclusão da página 1

toda a área urbana delimitada, abrindo novas artérias destinadas a desviar o trânsito do centro citadino, sobrecarregado e já saturado de movimento. Com a abertura desses novos arruamentos, o problema da habitação é em princípio resolvido pelo oferecimento à construção de prédios, de importantes terrenos à margem dessas artérias. Pelo ensino, tem a nova Câmara de lutar sem desfalecimentos pela colocação em Guimarães dos cursos tecnológicos e o seu imediato funcionamento, e pela construção de novas escolas primárias e secundárias para satisfazer a grande afluência de alunos. Saneamento, é a terceira das prioridades mais importantes que a urbe tem necessidade de ver realizada, embora dê razão a esta pergunta:—porque não se fez ainda este saneamento? Tudo se fez, inclusivé, reconhecer a necessidade imediata de a cidade ficar livre desse tremendo fóco infeccioso. As visitas sanitárias que se fizeram ao local, todas elas, se convenceram da urgente imprescindibilidade de livrar a urbe dessa fonte permanente de doenças. No entanto, nada se conseguiu até hoje! Mas, porquê? Não se chegou a fazer um contrato para estudo do saneamento geral da cidade e fixar o lugar para a estação do tratamento dos esgotos? Que é feito desses estudos? Chegaram a completar-se?

Até nisto em que a saúde da população estava em jogo e ainda está, Guimarães, foi mais uma vez preterido!

Ora esta situação aleatória em que a cidade vê os seus mais graves problemas desatendidos e postos de lado, tem de acabar, através de uma atitude firme das futuras autarquias devidamente eleitas pelos munícipes.

... mas há mais necessidades

Como por exemplo: o novo hospital, cuja construção está incluida entre os quatro primeiros a ser efectivados, pelo que há plena confiança de que esta cidade não seja preterida, como o foi no passado; a Estação de Camionagem, há tanto tempo aguardada; o novo Campo da Feira, uma necessidade inadiável; a avenida ao Pevidém, indispensável; o prolongamento da rodovia, que o Estado Novo foi impotente para o fazer; as infra-estruturas turísticas, como a pousada da Costa e hotéis na cidade e na Penha, sem as quais o turismo é improcedente; o anseado aquartelamento militar, para a colocação da unidade destacada para esta cidade; a aprovação e efectividade do projecto que liga o Salgueiral à Codeceira, etc. etc.

São vastas as necessidades locais, por não serem satisfeitas em tempo oportuno e se têm assim acumulado pelo seu constante adiamento.

Os jornais diários referiram-se a uma verba que deve ser importante, a dividir pelo Governo entre as câmaras Municipais, com o fim de fomentar o seu desenvolvimento e satisfazer as suas carências mais notórias, enquanto, não fôr discutido e aprovado o novo Código Administrativo e regularizada a vida financeira dos municípios.

Guimarães, espera ansiosamente por essa regularização, em virtude de as suas necessidades serem grandes, de altos custos e a sua contribuição para o erário público, como um concelho industrial que é, lhes possa garantir uma receita capaz de satisfazer esses elevados dispêndios.

As esperanças no futuro, dadas as necessidades que se têm de satisfazer, são caras demais para fracas receitas.

Embelezar e beneficiar a velha urbe

Temos ouvido queixas, muitas queixas até, contra a falta de melhoramentos que a cidade carece, sobretudo, daqueles benefícios e alindamentos, que cativam e atraem, tantos os visitantes como os patrícios.

A cidade tem sido votada a um certo abandono quanto a esses melhoramentos, como até no cuidado que deve merecer o seu aspecto geral. Não é com casas de mau aspecto e de pior estado (mesmo em ruas principais!), que a cidade se torna cuidada e atraente. Não é com muros à vista que dariam bons prédios, como na Avenida General Humberto Delgado, Rua de Santo António e outras, que a urbe muda de aspecto e se torna mais admirada e motivo de visitas, quando, se prevê um aumento de turismo no Mundo, segundo afirmam os meios conhecedores.

Guimarães, precisa de cativar, como precisa de acabar com abusos e liberdades que destroem o que se faz de belo. Raro se vê mais formosos ajardinamentos e tão bem floridos, como os da Praça do Toural. Todavia, é preciso defendê-los e cercá-los de arame, para evitar sejam destruidos por energúmenos de todas as idades que só têm um fim — destruir, calcando e pisando tudo. Veja-se o que se faz na Alameda e no Largo Martins Sarmento!

No entanto, precisamos do turismo para as nossas pobres finanças nacionais, como a terra precisa de chuva nesta seca que tudo assola e tudo arruina.

Fazemos parte de um país que é pobre e só sairá desta condição, quando os portugueses tiverem criado novo sentido de vida, que hoje está muito longe ainda de alcançar.

O progresso em todos os sentidos leva gerações a conseguir. Não se faz com decretos, nem com panfletos, mas, com instrução e educação, com moral e civismo.

A. F.

Opiniões Alheias

(Conclusão da 1.ª pág.)

Vasco Lourenço, comandante da Região Militar de Lisboa e «capitão de Abril»: «como elemento do Conselho da Revolução e homem do 25 de Abril e da Revolução penso que demos, com as eleições recentemente efectuadas, mais alguns passos na concretização do nosso programa e na consolidação da Revolução». E só assim poderá ser entendida a institucionalização democrática que revolução antifacista».

«Diário de Lisboa».

Brinquedos muito a sério

«A Alemanha Federal, a Itália, a França, contam-se entre os principais compradores de brinquedos espanhóis. Também a exportação de cartas de jogar atinge valores anuais apreciáveis nas vendas da Espanha para mercados estrangeiros. E fica-se a pensar, entre outras coisas, nas razões que explicarão a ausência de Portugal neste comércio de brincadeira e jogos, que não é, afinal nenhuma brincadeira quando se observam os seus resultados económicos no país vizinho. Demais, é apenas um exemplo, entre muitos possíveis, da escassez de iniciativa, da falta de imaginação, do desajustamento em fase de possibilidades dos mercados externos que continuam a caracterizar, como há decénios ou talvez há séculos, o comércio exportador português — e também as entidades e serviços do sector público que deveriam orientá-lo sob o signo comum da oportunidade e do interesse geral.»

«Jornal do Comércio».

Congruismo

«Um Suarez em Espanha, um Soares em Portugal, será um sinal do destino? O único Suarez verdadeiramente notável da história foi o Pai Francisco, jesuíta do século XVI, que ensinou precisamente em Salamanca e em Coimbra.

A doutrina que ensinava Suarez era o congruismo, que é uma forma de liberalismo avançado, porque segundo essa doutrina, como resultado de um perdão eficaz, a liberdade do homem não é mais do que a coincidência providencial da sua vontade com a vontade do poder divino.

«Le Monde».

Bibliografia

«Memórias dum Poeta Autodidacta»

de Freitas Soares

Poderemos classificar este livrinho de escrínio de recordações preciosas.

Na realidade, «Memórias dum Poeta Autodidacta» reúne algumas poesias de Freitas Soares e de amigos e admiradores seus e notas biográficas muito interessantes e verdadeiramente dignas dum autêntico poeta e artista.

Freitas Soares, octogenário e vimaranense, evoca a sua terra natal e figuras gradas que neste meio, em outras épocas e climas diferentes, definiram um alto sentido artístico e cultural e uma personalidade humana e social que muito prestigiaram as gerações e a terra a que pertenceram.

A sensibilidade artística de Freitas Soares é positiva e nata, razão por que apesar da sua avançada idade, não diz adeus à poesia, transformada em cântico mavioso da sua alma cheia de saudades.

Ao antigo colaborador deste jornal agradecemos a oferta do seu interessante livrinho.

Caixas para frutas

Para entrega imediata vendem qualquer quantidade

MANUEL DE FREITAS LOPES & C.ª, L.DA

Telefone 33034 — TOMAR

Até que enfim, a CHUVA

Até que enfim, a chuva benéfica caíu em catadupas, motivo de regozijo para toda a gente, mesmo para aqueles que viram digressões frustradas.

Após um longo período de estiagem, em que muita coisa se queimou e perdeu na indústria e nos campos, com as perspectivas dum mau ano agrícola, a chuva veio dar-nos a esperança de melhoria e a consolação de que a água será também mais abundante.

Fontes, rios e poços secaram, como não lembra, nesta estiagem cíclica que apavorou, como se fôsse um castigo de Deus. Mas Deus é bom e a chuva caíu em catadupas, com torrentes de água por essas ruas, como se estivessemos já em tempo de inverneira.

Ainda bem.

Nova Igreja de S. Martinho do Conde

No próximo domingo, será inaugurada por Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz esta nova Igreja.

Haverá às 10,30 horas, missa e Comunhão Solene.

Estará também presente à cerimónia da inauguração o Sr. Governador Civil do Distrito.

Câmara Municipal de Guimarães

EDITAL

José Leite Ferreira Lopes, Presidente da Comissão Administrativa Municipal, em exercício:

Faz saber que, ao abrigo do Artigo 78.º do Código Administrativo, e dada a urgência, aprovou o mapa de lançamento do Imposto de Turismo, para o corrente ano, encontrando-se patente ao público, na Secretaria da Câmara Municipal, para efeitos de reclamação, durante o prazo de 8 dias, a contar da data da publicação deste Edital.

Paços do Concelho de Guimarães, 19 de Agosto de 1976.

O Presidente da Comissão Administrativa, em exercício,

José Leite Ferreira Lopes

Bernardino Jordão, Filhos & C.ª, L.da

Interrupção de Energia Eléctrica

AVISO

São por este meio avisados os Ex.mos Consumidores de que no próximo Domingo, dia 29 do corrente e em virtude de termos que proceder a trabalhos urgentes nas linhas de Alta Tensão, não há energia eléctrica nos seguintes postos de transformação:

DAS 8 A'S 12 HORAS — Trav. da Av. D. João IV, Rua Padre Gaspar Roriz, Rua de Couros e Capuchinhas, da freguesia de S. Sebastião; Av. D. João IV, Abanhadouro (Av. D. Afonso Henriques) e Fonte Santa, da freguesia de Urgeses; S. Roque e Hortas da freguesia da Costa; Tarrafal, Liceu (Colégio) e Liceu (Setas), Rua Calouste Gulbenkian, Santa Cruz e Av. da Cadeia, da freguesia da Oliveira; Rua Cap. Alfredo Guimarães, Cruz, Lage, Veiga, (Madre de Deus), e Monte Largo da freguesia de Azurém; Cruz de Argola e Laminhos da freguesia de Mesão-Frio; Igreja da freguesia de Atães; Aveleira da freguesia de Pencelo; Bouça da freguesia de Selho S. Lourenço; Tugido, Fonte Nova, Cascalho e Parque da freguesia de S. Torcato; Cruzeiro da freguesia de Gonça; Gravaia de freguesia de Gondomar.

DAS 8 A'S 10,30 HORAS — Caldeirôa da freguesia de S. Sebastião; Praça do Mercado, Central de Camionagem e Av. de Londres da freguesia de S. Paio; Av. de Londres, Rua de S. Gonçalo, da freguesia de Creixomil; Pombal, Quintã e Santa Luzia da da freguesia de Azurém.

Os Ex.mos Consumidores devem no entanto considerar sob tensão as suas instalações, dado o facto de se poder restabelecer o restabelecimento do fornecimento mais cedo.

Guimarães, 25 de Agosto de 1976.

A GERÊNCIA.

CINEMA SÃO MAMEDE

Neste cinema exibem-se os seguintes filmes:

Sábado, às 15,30 e 21,30 horas, A FÚRIA DO CAMPEÃO.

Domingo, às 15,30 e 21,30 horas, REFLEXOS NUM OLHO DOURADO.

Quarta-feira, às 16,30 e 21,30, O PROFESSOR NUDISTA.

Quinta-feira, às 16,30 e 21,30 horas, A PRINCIPAL TESTEMUNHA.

Sexta-feira, às 16,30 e 21,30 horas, A SALAMANDRA.

"O COMÉRCIO DE GUIMARÃES"

está à venda no

QUIOSQUE BASTOS

DESPORTO

O Vitória do futuro

Aproxima-se o início da época futebolística 1976-77. Alguns clubes, dos mais representativos, já andam em rodagem, por cá e por terras estrangeiras, demonstrando uns mais que outros apreciável capacidade estrutural.

O Vitória vimaranense, que fez uma época de certa maneira brilhante, principalmente na taça de Portugal, que não conquistou por motivo da «garridice» vingativa dum senhor Garrido, que não deve voltar a Guimarães, andou na prova Intertoto e só há pouco começou a sua preparação, após um breve período de férias entre monte e mar (Ofir).

O movimento de atletas foi restrito, com a aquisição de uns e a dispensa de outros.

De qualquer forma, a equipa dispõe de um quadro de elementos bastante valioso e não lhe falta a competência de um técnico exigente e com a exacta noção das suas responsabilidades. As provas estão dadas e faltará apenas intensificar o trabalho para efeito duma necessária recuperação.

O Vitória do futuro será, pois, uma equipa capaz de inspirar confiança aos seus adeptos, com o interesse de a ver valorizada pela integração de novos elementos credenciados.

Tudo isto representa, é evidente, o trabalho a apreciar, devidamente, da equipa dirigente, onde também se encontram valores vitorianos e vimaranenses dedicados, que não se furtam a sacrifícios e canseiras, para que o Vitória seja engrandecido e a nossa terra prestigiada.

De esperar que a massa associativa continue a ser o que, efectivamente, tem sido até agora: dedicada, entusiasta, persistente e cooperadora. Sê-lo-á, estamos convencidos desta realidade.

O Vitória do futuro terá de ser o «fruto» do trabalho dos responsáveis e técnico e da aplicação dos atletas, do seu pundonor, do seu brio e da fé de todos os vimaranenses. O Vitória não é apenas uma equipa de classe. E', também e orgulhosamente, uma equipa de honrosíssimas tradições, uma das que mais têm contribuido para o prestígio do desporto português e que muito engrandece o nome da nossa terra. Guimarães é um nome respeitado no campo do trabalho e no campo do desporto, ocupando um lugar bem destacado no futebol nacional.

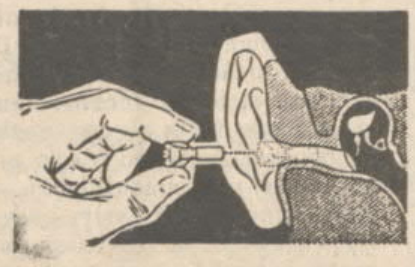
Aproxima-se a época 1976-77 e o apoio dos vimaranenses, à volta da sua equipa, há-de ser uma realidade, como sempre — para que o Vitória do futuro venha a ser, se possível, um Vitória ainda maior.

Atenção Surdos de Guimarães

VOLTAR A OUVIR É VOLTAR A VIVER

A CASA SONOTONE estará convosco e ao vosso dispor na

Farmácia Hórus — Largo do Toural, 26 — Guimarães



no dia 30 de AGOSTO, das 15,30 às 19 HORAS, onde vos apresentará a mais moderna e completa gama de aparelhagem auditiva para adaptação racional a cada caso individual: Óculos auditivos—Modelos de bolso—Modelos retroauriculares—Modelos Pérola IV e Miracle VI (usados dentro do ouvido, sem fios nem tubos) e os sensacionais Modelos Populares.

A CASA SONOTONE faculta-vos gratuitamente e sem compromisso exames audiométricos e experiências práticas.

Visitem-nos na FARMÁCIA HORUS, no dia 30, das 15,30 às 19 h.

CASA SONOTONE — Praça da Batalha, 92-1.º — PORTO
— Poço do Borratém, 33 s/ 1 — LISBOA

Agonia da Imprensa Regional

Conclusão da 1.ª página

ano, esta chamada Pequena Imprensa veio pedindo ao Estado que a auxiliasse, a amparar-se, para evitar a sua agonia.

Durante quase meio século de ditadura, o Estado prepotente que haveria de conduzir o País ao descalabro económico, não tomou (talvez porque não lhe conviesse) qualquer medida que a libertasse do pesadelo em que vivia. Aguentou-se sob o pesado fardo de uma crise tremenda. Conseguiu sobreviver como se lhe pedissem que fizesse um milagre, espantoso como todos os milagres. Hoje, em regime democrático, a Imprensa Regional continua a pedir ao Estado que a socorra. Mas se nos velhos tempos, esta imprensa, votada ao abandono, não conseguiu obter o mínimo auxílio dos que governavam ou desgovernavam a Nação, também agora clama no deserto.

Ontem, a situação era grave. Hoje, é desesperada.

O custo da mão de obra aumenta de momento a momento assustadoramente, o preço do papel sobe de modo insuportável à maneira que vai escasseando essa matéria-prima indispensável, e as taxas postais vão já na ascensão dramática dos 3 400 por cento.

Em vez de medidas que protejam a Imprensa Regional, tem-se legislado como se esta fosse uma mina de ouro, e não uma mendiga esfarrapada.

Em lugar de se tomarem as providências que esta situação gravíssima exige, decretam-se medidas que sufocam os pequenos jornais, como se estivesse no propósito do Estado acabar de vez com eles.

E' inegável que muitas regalias se alcançaram depois do Movimento dos Capitães que libertou o País. O 25 de Abril abriu portas que até então estavam hermeticamente fechadas.

A's massas trabalhadoras foi-lhes facilitada a conquista de inúmeros e importantes benefícios.

Noutros sectores providenciou-se para melhores condições de vida. E a Imprensa Regional? O Estado não dá pela sua existência, senão quando deseja acorrentá-la a impostos desmedidos.

Apela-se para a reconstrução do País, e caso estranho, nada se faz para assegurar à Imprensa Regional os meios indispensáveis à sua manutenção.

Não estará a «Pequena» Imprensa interessada no ressurgir nacional? Não será necessária agora mais do que nunca a sua colaboração? Torna-se evidentemente incompreensível este divórcio entre o Estado e a Imprensa Regional.

Dir-se-ia que ela enfrenta um inimigo declarado, apostado em extingui-la com determinações draconianas. Todavia, toda a gente reconhece facilmente a enorme e poderosa influência que a Pequena Imprensa exerce na solução de muitos problemas locais, que não seriam resolvidos sem a força, o entusiasmo, a perseverança da sua participação.

Mais do que a Imprensa Diária, os jornais da província têm potencialidades de penetração nos meios regionais. São esses jornais que levam aos emigrantes as notícias das suas terras, e ninguém ignora que muitos habitantes desta ou daquela região se limitam a ler o jornal da sua vila ou da sua cidade.

Se não fosse a voz da Imprensa Regional, muitos problemas não viriam à luz da divulgação. Servindo as suas regiões, a Imprensa Regional serve, logicamente, o País.

Como pode o Estado ignorá-lo?

Auxiliar a Imprensa Regional não seria encargo pesado para o Estado. Evitar-se-ia assim que já tivessem desaparecido e estejam em vésperas de desaparecer, muitos pequenos jornais em situação bastante difícil. Contudo, vultuosas somas têm saído do Orçamento Geral do Estado, que o mesmo é dizer do bolso do Povo, para financiar certos órgãos de informação.

Na reunião de Ministros do dia 2 de Julho foram aprovados os seguintes subsídios: 6 000 contos à Anop, 3 500 contos à Renascença Gráfica, 4 700 contos à empresa do «Jornal de Notícias», 5 000 contos à Sociedade Industrial de Imprensa, 12 500 contos à Empresa Nacional de Publicidade e 2 500 contos ao «Jornal do Comércio. A Imprensa Regional, essa que continue a arrastar-se como puder...

JORGE RAMOS

N. da R. — *Absolutamente de acordo com os considerandos do ilustre jornalista insertos no prezado colega «Jornal de Queluz», acerca do valor da Imprensa Regional como válido instrumento de defesa e engrandecimento do Regionalismo em todos os aspectos.*

Simplesmente discordamos da política dos subsídios. Temos vivido honestamente sem eles, embora com imensas dificuldades, mas com o legítimo orgulho de sermos independentes. Assim pretendemos continuar, sem subsídios, pedindo, somente que não nos levantem obstáculos no caminho e que serão capazes de nos fazer cair... Só queremos que não nos façam a vida negra como pretendem, que a Imprensa Regional não quer ser «fardo» para o Estado, como os grandes orgãos.

Instalações eléctricas

EM GERAL

Reparações

por pessoal QUALIFICADO

J. MONTENEGRO, L.DA

Rua de S. Gonçalo, 1052 | 68
Rua de Alcobaça, 59 | 63
Telefone 42258 | 9
GUIMARÃES

Ciclismo

38.ª Volta a Portugal

A 38.ª Volta a Portugal em Bicicleta, «passou», no último domingo, nesta cidade, com um final de etapa no Estádio Municipal.

Foi vencedor o ciclista do Costa do Sol, Joaquim Carvalho.

Apesar do tempo incerto e da chuva que «inundou» as pistas, o povo acorreu em número bastante elevado, proporcionando aos elementos da caravana um ambiente de simpatia.

Mais uma vez a Coelima tomou a iniciativa dos trabalhos de recepção, os quais decorreram, como, aliás, tem acontecido sempre, de forma a merecer justos louvores.

Houve prémios aos melhores classificados.

FUTEBOL

na PÓVOA DE VARZIM

O Varzim S. C., realizou naquela cidade um torneio de futebol, no fim da semana, no qual participaram a equipa promotora, o Famalicão, o Vitória e o S. C. de Braga.

No seu jogo com o Varzim, a turma vimaranense foi vencida por 2-1 e o Braga venceu os famalicenses por igual resultado.

Na final, a vitória veio a pertencer ao Braga, que ganhou o troféu, por 6-5 (penalidades).

O COMÉRCIO DE GUIMARÃES

Propriedade de *H.os de M.ª Matilde C. F. Machado*

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
Rua D. João I — 59-61, Telefone, 42508 — GUIMARAES